





Sim, Fanon, novamente, no Brasil, principalmente: Pele negra, máscaras brancas (2020)

Flávio Rocha de Deus ¹

Resenha de FRANTZ, Fanon. *Pele Negra, máscaras brancas*. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; Prefácio de Grada Kilomba; Posfácio de Deivison Faustino; Textos Complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

* * *

Já tendo publicado neste mesmo ano *Alienação e liberdade – Escritos psiquiátricos* (2020), obra de Frantz Fanon que reúne textos do autor acerca da relação entre alienação colonial e doenças mentais, a Editora Ubu – São Paulo – lançou em novembro deste ano uma nova edição do primeiro trabalho do filósofo e psiquiatra antilhano. Publicado pela primeira vez em 1952, *Pele negra, máscaras brancas*, se tornou uma das principais referências teóricas dos estudos (contra/pós/anti/des/de) coloniais ao mostrar como as estruturas raciais de uma sociedade afetam a construção da subjetividade dos indivíduos, seus desejos e a autopercepção de seus papéis sociais e existenciais. Fanon nos mostra que o quão profundos são, e estão sendo, os efeitos da colonialidade.

Quando conheci Fanon, entrei em tamanho estado de autoanálise que não seria exagero dizer que vasculhei quase todas as minhas memórias em busca de possíveis “traumas” que justificassem a construção de uma “máscara branca”. É muito particular a forma como Fanon nos coloca em diálogo crítico não apenas com a coletividade a nossa volta, mas também com nossa subjetividade mais íntima. De qualquer maneira, independente da existência ou não de tais máscaras, o que devemos admitir é que só alguém com incontestável talento poderia ter escrito um texto tão cirúrgico com tamanha sensibilidade. Grada Kilomba, no prefácio da nova edição brasileira, comunica-nos a

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. Professor da rede privada de ensino, Professor de Filosofia do Pré-Acadêmico Gradação da UFPE e Residente Pedagógico do Instituto Federal da Bahia. Integra o Laboratório de Africologia e Estudos Ameríndios da UFRJ, a Associação Latino Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI) e o Grupo de Pesquisa Literatura, Cinema e a Nova Gramática Política. Atualmente coordena o Projeto Euroáka, que investiga como o eurocentrismo se apresenta nas estruturas epistêmicas e curriculares dos cursos superiores de humanidades, letras e artes.

história de sua descoberta da obra fanoniana e sua importância para sua formação; alega nunca ter “lido nada assim” antes, “tão brilhante e inteligente, tão poderoso”, “seu estilo literário transbordava em conteúdo e significado”. Ainda segundo a escritora portuguesa: “a força da sua escrita era tal que, enquanto eu lia, o meu corpo precisava voltar a superfície, para um fôlego de ar”². Deivison Faustino, professor da Universidade Federal de São Paulo e um dos mais sólidos pesquisadores das obras de Fanon, que assina o posfácio da edição, nos recomenda após a leitura do livro: “fechá-lo por um estante, respirar fundo e, como os sobreviventes de uma explosão apocalíptica que ainda nem aconteceu, tatear dentro e ao redor de nós mesmos para aferir o tamanho do estrago.”³

A obra de Fanon possui uma tese central: nas sociedades coloniais⁴ o negro, ordinariamente, encontra-se como um “não-ser” que busca o auto “embranquecimento” de seus atos, vínculos e práticas para que, afastando-se de sua negritude, o mesmo possa se considerar mais próximo do ideal. Fanon já nos deixa duas premissas: Primeiro, “os brancos se consideram superiores aos negros”; e segundo: por meio de um complexo de inferioridade, travestido nos desejos legítimos e performances miméticas decorrentes da colonialidade, “os negros querem demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seu pensamento, o poderio equiparável da sua mente”.⁵ Fanon conclui: “*pour le Noir, il n’y a qu’un destin. Et il est blanc*”.⁶

As formas de se alcançar tal *destino* são as mais diversas, apesar de citar outros exemplos, nesta obra Fanon dá centralidade a dois caminhos de busca pelo embranquecimento. O primeiro deles é o domínio do idioma do colonizador, de acordo com Fanon, através do domínio da língua da metrópole o negro da colônia adquire o sentimento de superioridade a seus conterrâneos, pois “tão mais branco será o negro das Antilhas, quer dizer, tão mais próximo estará do homem verdadeiro, quanto mais tiver incorporado a língua francesa.”⁷ “O ‘desembarcado’ [Negro que retorna as Antilhas após estadia na França] desde seu primeiro contato, se afirma; só responde em francês e

² Prefácio de Grada Kilomba, p. 13.

³ Posfácio de Deivison Faustino, p. 245.

⁴ Locais desconhecidos pelos europeus, povoados por coletividades autônomas, independentes, com seus costumes, tradições, formações familiares e afetivas, epistemologias, crenças religiosas, amores e desejos próprios – que, ao serem “descobertos” pelos próprios europeus, foram dominados. Comumente tal dominação ocorre pela violência brutal, epistemicídio e aniquilação cultural, e posteriormente tais modos de existências são enquadrados para se adequar ao papel subalterno de colônia (locais sistemicamente saqueados por europeus), passando a se organizar mediante os interesses do colonizador. Em alguns casos, especialmente nas américas, eles mesmos eram armas biológicas, pois, contaminados pelas doenças virais, ao entrarem em contato com os povos originários, transmitiram para eles as doenças e enfermidades que já eram comuns a seus corpos. Cf. “Como colonizadores infectaram milhares de índios no Brasil com presentes e promessas falsas” (Disponível em: <bbc.com/portuguese/brasil-53452614>.) e “Revelada a causa do misterioso ‘cocoliztli’, o mal que dizimou os índios das Américas” (Disponível em: <brasil.elpais.com/brasil/2018/01/15/ciencia/1515997924_75_1783.html>)

⁵ Fanon, p. 24.

⁶ “Para o homem negro há apenas um caminho. E ele é branco”, p. 185 da primeira edição francesa.

⁷ Fanon, p. 31

muitas vezes deixa de entender o crioulo”.⁸ “Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco”.⁹

O outro caminho que ocupa, respectivamente, o segundo (A mulher de cor e o branco) e terceiro capítulo (O homem de cor e a branca), refere-se a busca do negro por reconhecimento que aneia, calcada na reciprocidade do afeto romântico do branco, valorar a si enquanto digno ou não de amor. “Não quero ser reconhecido como *negro*, mas como *branco*. [...] Quem pode me propiciar isso, se não a branca? Ao me amar era ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como branco. Sou um branco.”,¹⁰ assim diz o homem negro para si; e com igual busca pelo branqueamento da raça, a mulher de cor “antilhana fará um esforço, em seus flertes ou em seus casos, para eleger o menos negro”¹¹.

Seus outros capítulos, “Sobre o suposto complexo de dependência do colonizado”; “A experiência vivida do negro”; “O negro e a psicopatologia”; e o “o negro e o reconhecimento”, dão prosseguimento a crítica fanoniana que tem por objetivo “ajudar o negro a se libertar do arsenal complexual que brotou no seio da situação colonial.”¹² Em diálogo com diversos outros pensadores como Marx, Mannoni, Sartre, Hegel, Freud, Cesárie, etc., Fanon constrói com muita originalidade, tanto estilística quanto intelectual, um texto que abarca, substancialmente, as principais questões que atravessam o corpo negro colonial – perdão pela redundância. Uma vez, em prosseguimento a meus estudos acerca do reconhecimento em Fanon, um bom amigo ao ver meu espírito em êxtase, com o desejo de conversar sobre meu tema de pesquisa, me perguntou: qual a parte do livro que eu mais preciso ler? Diga que eu lerei. “Todas as 200 páginas. Sem exceção.” respondi.

Não é à toa que o capítulo que encerra tal obra antes a conclusão: “O negro e o reconhecimento”, seja aquele em que Fanon em um diálogo opositor a Hegel, apropriando-se da dialética do senhor e escravo mostra as barreiras para que uma relação sistêmica entre colono/colonizador finde em uma síntese que desagüe no mútuo reconhecimento. Fanon percebe que tais estruturas aprisionam negros e brancos em essencialismos raciais que condicionam suas percepções próprias acerca de seus devidos papéis na existência. “O movimento ético, político e estético inaugurado por *Pele negra, máscaras brancas*, abre um espectro vastíssimo de possibilidade de reflexões, (auto)análise e, sobretudo, ações.”¹³ Ele nos aponta a necessidade dos indivíduos em descentralizarem seus olhares e interromperem constante peregrinação do colono em busca da aceitação do colonizador da metrópole como principal meta de autorrealização.

Pele negra, máscaras brancas foi escrito em 1950 como trabalho de conclusão dos estudos de Fanon em Psiquiatria, porém, foi recusado pela banca que desejavam uma

⁸ Fanon, p. 38.

⁹ Fanon, p. 35.

¹⁰ Fanon, p. 79.

¹¹ Fanon, p. 62.

¹² Fanon, p. 45.

¹³ Posfácio Deivison Faustino, p. 262.

“abordagem ‘positiva’ [que tivesse] mais bases físicas para os fenômenos psicológicos”.¹⁴ A questão é que “tratar do racismo antinegro no contexto francês soava estranho à academia da época. Havia a ideia de que o racismo sistêmico era um problema dos Estados Unidos, que não estava presente na França. Inclusive, esse pensamento existe até hoje”¹⁵. Recusado não apenas por sua banca, mas também em territórios inteiros, o livro inaugural de Fanon também chegou a ser proibido em alguns locais.

No final dos anos 1960 a obra foi traduzida em Portugal, no Porto, e de imediato censurada e eliminada do mercado pelos serviços secretos, não voltando a reaparecer até hoje. A sua circulação durou apenas alguns dias – após ter sido distribuída para leitura, ela foi proibida.

No documento oficial de censura, lê-se ‘O autor é negro, comunista [...]. Trata-se duma diatribe contra a civilização ocidental, numa pseudodefesa das civilizações negra, oriental e Índia. Para **proibir**.’ Com o verbo realçado.¹⁶

O fato de que tal obra, atualmente tão relevante e aclamada, ter sido negada em primeira instância pela banca e posteriormente pelos poderes governamentais, nos direciona a duas importantes reflexões. A primeira delas refere-se a academia: as instituições de ensino superior são *pharmakos raciais*, locais que podem ser tanto veneno quanto remédio para a descolonialidade. Por serem instituições do *conhecimento* elas podem nos ajudar a realizar, através da pesquisa, do ensino, das atividades de extensão e principalmente das *patologias*,¹⁷; a autoanálise, reflexão e desconstrução da colonialidade, ajudando-nos na construção de organizações sistêmicas, artísticas e intelectuais de combate ao racismo. Entretanto, por também ser uma *instituição*, as universidades ainda nos direcionam a reproduzir as limitações da tradição, e como nossa tradição também é europeia, também há colonialismo dentro de nós. Como bem nos aponta Fanon: é o povo colonizado, um “povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local”.¹⁸

Lembro-me de uma história uma vez dita em um dos eventos do curso de Filosofia da Universidade do Estado da Bahia. Conta-se que após anunciarem “Finalmente temos um curso de Filosofia” para alguém do departamento, o interlocutor logo respondeu: “De fato, agora podemos dizer que a universidade está completa, que é *de fato* uma universidade”. Acredito que o mesmo pode ser dito sobre Fanon neste momento: uma *universidade brasileira* que, tendo disponível, não possui um exemplar sequer deste autor, talvez diga muito sobre o pouco que tem.

¹⁴ Prefácio de Lewis Gordon, *Pele negra, máscara brancas*. (Salvador: EDUFBA, 2008, p. 13)

¹⁵ Cf. “Por que ‘Pele negra, máscaras brancas’ deve ser lido por brancos e negros”. Disponível em: <oglobo.globo.com/cultura/por-que-pele-negra-mascaras-brancas-deve-ser-lido-por-brancos-negros-24754752>.

¹⁶ Prefácio de Grada Kilomba, p. 14

¹⁷ Neologismo coloquial que indica debates e discursões de temas pertinentes a contemporaneidade de seus interlocutores que ocorrem naturalmente nos espaços físicos das universidades para além da sala de aula. Também pode ser entendido como: “saberes complementares desenvolvidos no pátio”.

¹⁸ Fanon, p. 32

E por fim, a segunda questão central: Se rejeitada no passado pela banca, e hoje aclamado, traduzido para vários idiomas, publicado em dezena de países, em milhares de estantes, com milhões de leitores em todo mundo, e já em sua segunda edição no Brasil é, como evidencia nosso título, porque sim, Fanon está tão atual como nunca. Tão necessário quanto nunca, principalmente nas terras tupiniquins. “É normal na Martinica sonhar com uma salvação que consiste em branquear magicamente”, E ainda no Brasil tal sonho também é sonhado. O ciclo de opressão e impossibilidades puras de reconhecimento causado pelos complexos deixados pelos séculos de colonialismo ainda tornam o Brasil um país estruturalmente racista e norte/eurocentralizado. Desde os padrões muito bem determinados dos fenótipos físicos que compõe as classes sociais, até as metas existenciais para felicidade, dignidade e autoafeto. No Brasil, o país que conseguiu transformar o estupro sistemático de mulheres vulnerabilizadas pela condição racial no orgulho alegre da “democracia racial” de um povo miscigenado, tem muito trabalho pela frente que, provavelmente, pelas conjunturas políticas que nos circundam, será cada vez mais difícil. Até lá, teremos boas iniciativas, em diversas esferas, incluindo a publicação e popularização de importantes pensadores, como é o caso desta obra que aqui falamos, como é o caso de pensadores como Fanon.